



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

MARCELINO VIEIRA-RN

2016

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Carina Pessoa Santos.

MARCELINO VIEIRA -RN

2016

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Dra Carina Pessoa Santos (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dra. Simone Patrícia da Silva
Faculdade Joaquim Nabuco

Ms. Ivoneide Mendes da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria das Graças da Silva ¹

RESUMO EXPANDIDO

O brincar configura-se como uma das principais características da infância e é fundamental para o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos, seja físico, cognitivo, emocional, psicoafetivo ou social. Por meio do brincar, a criança consegue ter consciência de si, dos outros, do mundo e das relações existentes entre estes, representando, na brincadeira, a maneira como enxerga sua cultura, sua realidade e o meio no qual está inserida. Diante disso, este trabalho tem como objetivo identificar e analisar a importância das brincadeiras e do lúdico no desenvolvimento cognitivo, social e da aprendizagem da criança, no contexto da Educação Infantil. Para tanto, foi realizada uma revisão não sistemática da literatura, pautada numa pesquisa bibliográfica e exploratória acerca da temática em questão. Nesse sentido, percebeu-se que o brincar não deve ser visto apenas como um momento de diversão, mas deve ser concebido como uma ferramenta basilar para a educação, principalmente na Educação Infantil, visto que, por meio dele, a criança encontra recursos para desenvolver sua atenção, concentração, criatividade, autonomia, linguagem, pensamento, raciocínio lógico, entre outros processos psicológicos. Além disso, por meio do brincar, a criança tem sua psicomotricidade desenvolvida, o que auxilia na compreensão de aspectos como consciência corporal, lateralidade e orientação no tempo/espaço, também fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem. É válido destacar que as brincadeiras de hoje não são as mesmas de outrora e que a tecnologia tem influenciado cada vez mais as crianças na escolha por brincadeiras e jogos que envolvem aparelhos como celulares, tablets ou computadores, por exemplo. Isso vem aumentando de proporção com o passar dos anos, substituindo brincadeiras que envolviam movimento, criatividade, imaginação por algumas atividades que eximem as crianças de tais benefícios. Nesse sentido, é preciso que os professores da Educação Infantil assumam um papel crítico reflexivo frente a essas questões, impedindo que o brincar seja substituído, no cenário escolar, por tais brincadeiras que envolvem o uso não planejado de tecnologias, ou mesmo pela realização exclusiva de atividades em sala, almejando melhores rendimentos unicamente cognitivos. Logo, é preciso que estes profissionais enfatizem a importância crucial do brincar para o desenvolvimento infantil e estimulem atividades voltadas ao lúdico, por meio de jogos e brincadeiras, promovendo o aprendizado e a socialização da criança. Para tanto, os professores devem levar em consideração o nível de desenvolvimento de cada criança, estimulando suas capacidades, habilidades e potencialidades, além de respeitar suas necessidades e sua singularidade. Por fim, esta pesquisa almejou trazer algumas contribuições acerca da brincadeira na Educação Infantil e de que modo esta vem sendo ressignificada na atualidade.

Palavras-chave: Brincar. Educação infantil. Planejamento pedagógico

¹Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação da Prof^a Dr^a Carina Pessoa Santos, como requisito para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia EAD.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O brincar configura-se como o início do processo de aprendizagem e é por meio dele que a criança conhece a si mesma e ao mundo que a rodeia (SANTOS, 2010). Ao brincar, ela reproduz e ressignifica sua realidade, sua cultura e o meio em que está imersa, possibilitando o desenvolvimento de diversos aspectos, tais como: a curiosidade, a linguagem, o pensamento, a autoconfiança e autonomia (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014). Nesse sentido, ainda segundo as autoras, a brincadeira possibilita o desenvolvimento psicomotor, afetivo, físico, emocional e cognitivo da criança, além de favorecer a expressão de sentimentos. Assim, através do brincar, elas “aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam” (p.82).

Logo, ao brincar, a criança elabora conhecimentos e constrói sua própria personalidade (SANTOS, 2010). Além, disso, por meio da brincadeira, elas aprendem o significado e o sentido da cooperatividade, da competição e, conseqüentemente, desenvolvem a habilidade de buscar alternativas para os problemas que surgirem em seu cotidiano. Desse modo, ao brincar a criança desenvolve seus aspectos intelectuais, emocionais, inventivos, corporais e linguísticos.

A autora supracitada destaca, ainda que pensar o ato de brincar no cenário escolar, especificamente na educação infantil, é compreender que o brincar, enquanto promotor da aprendizagem, da capacidade e das potencialidades da criança, deve ser fundamental na prática da educação pedagógica, tendo como espaço privilegiado a sala de aula e as atividades de caráter lúdico. Portanto, a brincadeira consiste numa das necessidades principais da criança, na medida em que o desenvolvimento dessa prática permite que ela construa uma consciência de si, do outro e da relação entre ambos; conheça o mundo, estabeleça relações, apreenda conceitos e, conseqüentemente, se desenvolva.

De acordo com Goedert, Frighetto e Santos (2013), é por meio da brincadeira que o professor pode formular uma visão sobre o desenvolvimento da criança, “registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais de que dispõem” (p. 6). Partindo dessa premissa, defende-se, nesse trabalho, a necessidade de aliar à teoria a prática, de modo que as atividades lúdicas realizadas no espaço de sala de aula da Educação Infantil atentem para a formação individual e coletiva. Com base nesses aspectos, amplia-se, no contexto da escola, o leque de oportunidades em que as crianças devem pensar, refletir e questionar, tornando-se sujeitos da aprendizagem, priorizando um ensino de qualidade, pautado na construção dos

saberes. Trata-se, portanto, de reconhecer as brincadeiras como um espaço de criação e descoberta. Sendo assim, a prática pedagógica, nesse contexto, deve acolher as vivências e singularidades de cada criança, considerando suas necessidades, capacidades e habilidades.

Entretanto, apesar de reconhecermos os benefícios do brincar e as contribuições deste para o desenvolvimento global da criança, precisamos refletir um pouco sobre o brincar da atualidade, visto que as tecnologias estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano, perpassando e afetando diretamente toda a infância. Se antes as crianças brincavam com mais frequência de brincadeiras que estimulassem aspectos como a coordenação motora, equilíbrio, criatividade, agilidade entre outros, tais como pega-pega, amarelinha, adivinhas, esconde-esconde, pula corda, e tantas outras; hoje dá-se prioridade para os brinquedos eletrônicos. Assim, cada vez mais cedo, as crianças, preferem brincar no celular, *tablets* ou nos computadores, substituindo as atividades motoras por atividades *on-line*, privando as crianças de explorarem, inventarem e de serem criativas, desenvolvendo habilidades físicas e motoras.

Nesse sentido, os profissionais precisam estar atentos para não repetirem esta lógica no cenário escolar, especialmente na educação infantil, visto que, muitas vezes, o momento da brincadeira na escola vem sendo substituindo cada vez mais por aulas, almejando bons alunos, com desempenhos escolares, leia-se notas, cada vez mais elevados. Logo, é preciso que os profissionais assumam uma posição crítica frente a estas questões, buscando privilegiar o brincar como base para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente no contexto da Educação Infantil.

Nessa perspectiva, explorar as atividades lúdicas na Educação Infantil é um recurso que irá valorizar as características de cada idade, provocar o desejo de conhecer, descobrir, descobrir-se, criar e inventar. Logo, é fundamental que a prática educativa desenvolvida na Educação Infantil possibilite o espaço para a vivência da brincadeira, uma vez que ela se mostra significativa para o processo de ensino aprendizagem.

Diante do exposto, parte-se do seguinte problema de pesquisa: de que maneira a atividade lúdica e, mais precisamente, as brincadeiras, podem contribuir para o desenvolvimento da criança e de que modo este recurso pode servir aos professores da Educação Infantil para o favorecimento da relação ensino-aprendizagem?

Pautado nessa problemática, este trabalho tem por objetivo identificar e analisar a importância das brincadeiras e do lúdico no desenvolvimento cognitivo, social e da aprendizagem da criança, no contexto da Educação Infantil. Além do mais, buscou-se analisar como as atividades lúdicas, a partir das brincadeiras, podem favorecer o processo

ensino- aprendizagem e como as atividades lúdicas podem servir de motivação para a criança no contexto da sala de aula.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza eminentemente qualitativa, uma vez que está pautada em metodologias cujo objetivo é fazer uma análise crítica, descritiva e exploratória acerca de objetos de pesquisa como o aqui investigado, ou seja, o brincar na educação infantil, tal como sugerido por autores como Vergara (2004) e Minayo (1999).

De acordo com as formulações de Vergara (2004), a pesquisa exploratória “[...] é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Por sua natureza de sondagem, não comporta hipóteses que, todavia, poderão surgir durante ou ao final da pesquisa” (p. 47). Nesse sentido, destacamos que os estudos sobre o brincar na educação infantil são inúmeros, mas pouco sistematizados em seus aspectos teóricos e metodológicos, de maneira que a ideia de uma pesquisa exploratória desses estudos mostrou-se inspiradora para este trabalho.

Depois disso, foi realizada primeiramente uma pesquisa bibliográfica e exploratória, que tal como aponta Gil (2010) tem como objetivo proporcionar uma maior familiaridade com o fenômeno estudado e com as questões levantadas, para que assim possa conduzir a análise de maneira mais legítima ao que tem sido produzido acerca do tema ora em apreciação.

Sobre a pesquisa bibliográfica, Lima e Miotto (2007) afirmam que esta “possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto” (p. 40).

Desse modo, mais do que uma revisão acrítica de literatura, a pesquisa bibliográfica pressupõe uma análise crítica, contextualizada e consistente do significado presente no objeto de estudo e na teoria que o fundamenta. Assim, esse método é utilizado para fundamentar, a nível teórico, o objeto de pesquisa, contribuindo para dar elementos preciosos que servirão, mais tarde, para a própria análise dos dados (LIMA; MIOTTO, 2007).

Logo, foi realizada uma revisão não sistemática da literatura sobre o tema aqui discutido, com vistas à localização e ao aprofundamento de algumas questões e reflexões pertinentes para a problemática aqui lançada. Contudo, não há aqui a pretensão de esgotar

a discussão em torno do tema e muito menos a consideração das formulações aqui apresentadas. Com isso, este trabalho não busca apontar uma interpretação única e mais verídica sobre a realidade estudada, mas contribuir para o aprofundamento do tema e a efervescência de discussões e reflexões sobre o objeto de estudo aqui vislumbrado.

3. PROBLEMATIZANDO O TEMA

Com base nos aspectos discutidos e seguindo a metodologia proposta neste artigo, parte-se para a análise dos resultados encontrados na pesquisa bibliográfica acerca da importância do brincar na educação infantil. No intuito de organizar as temáticas estudadas sobre o assunto, este tópico encontra-se desmembrado em três sub-tópicos: *o brincar e a infância; a importância do lúdico na educação infantil; e o brincar na atualidade: algumas considerações.*

3.1 O BRINCAR E A INFÂNCIA

A brincadeira é uma atividade que acompanha o homem desde o início da humanidade, daí a sua importância para pensarmos os seus atravessamentos na constituição do ser infantil. Desse modo, o brincar e o lúdico assumem, desde sempre, muita centralidade na vida das crianças, estejam elas ainda nos seus primeiros anos de vida, sejam elas mais velhas e/ou ingressando na adolescência. Contudo, o que parece mudar é a forma como cada uma delas vai se relacionar com os brinquedos e as brincadeiras, típicas do período de desenvolvimento na qual cada uma se encontra.

A brincadeira parece, então, assumir apenas o *status* de lazer e diversão, uma vez que este momento é marcado por gargalhadas, correria e muita “gritahada”. No entanto, é preciso que se considere que esta é uma atividade complexa e atravessada por diversas questões, uma vez que envolve a combinação e a interação de aspectos físicos, socio-afetivos e cognitivos. Com isso, podemos afirmar que o brincar é imprescindível para o próprio desenvolvimento da criança (MACARINI; VIEIRA, 2006). Mais do que isso, tal como afirma Vygotsky (1998 apud BELTRAME; OLIVEIRA, 2011), o brincar e o faz-de-conta têm a importante função de favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Ainda de acordo com Macarini e Viera (2006), em relação aos aspectos físicos, algumas brincadeiras contribuem para o desenvolvimento de habilidades motoras, como, por exemplo: a força, agilidade e o equilíbrio; bem como para o aprimoramento das

habilidades psicomotoras. No âmbito das aquisições cognitivas, alguns jogos favorecem a consolidação de habilidades de atenção e de concentração, raciocínio lógico, pensamento abstrato, como também, o próprio desenvolvimento da linguagem. Além do mais, as atividades lúdicas contribuem para o processo de socialização e construção de vínculos entre a criança e os outros colegas, ou até mesmo entre adultos. Assim, é preciso sempre lembrar que a brincadeira se constitui como um momento de interação, por mais que, na modernidade, algumas mudanças venham aparecendo na maneira como a criança se relaciona com os objetos e as pessoas, questão que será melhor discutida mais a frente.

Logo, é através do brincar que a criança tem a possibilidade de vir a tomar decisões, de expressar seus sentimentos e valores, possibilitando que ela conheça a si, aos outros e ao mundo. Além desses aspectos, o brincar propicia a repetição de ações prazerosas, a elaboração de conflitos, assim como o desenvolvimento do pensamento abstrato e de habilidades ainda não consolidadas (NEVES; CASTANHEIRA; GOUVÊA, 2015).

Nesse sentido, ao brincar, a criança idealiza situações vivenciadas no seu cotidiano, ou seja, ela reorganiza a realidade, utilizando a brincadeira como um instrumento para satisfazer seu desejo de ser adulto. Com base na brincadeira, as crianças podem experimentar papéis sociais ocupados pelos adultos, tais como pai, mãe, trabalhador, marido, esposa, professor, médico, dentro outros; e mais do que isso, elas transformam a realidade em informações acessíveis à sua compreensão (BELTRAME, OLIVEIRA, 2011). É através das brincadeiras que se fortalece a identidade de criança, pautada na invenção, construção e conhecimento da realidade. Diante disso, a discussão sobre a importância do lúdico na educação infantil mostra-se fundamental.

3.2 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, (BRASIL, 2013) configura-se como a etapa inicial da educação básica, tendo como objetivo o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos de idade, levando-se em consideração os aspectos físico, psicológico, intelectual e social; complementando a ação da família e da comunidade. Ainda segundo essa lei, a educação infantil deve ser ofertada em creches ou em entidades equivalentes para crianças de até três anos de idade, ao passo que as crianças de quatro a cinco anos devem frequentar as pré-escolas.

Teixeira e Volpini (2014) destacam que a educação infantil propicia condições para que as crianças conheçam e descubram novos valores, costumes, sentimentos, por meio das interações sociais; além de possibilitar a socialização e, conseqüentemente, o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Para Beltrame e Oliveira (2011), as bases da educação infantil são voltadas para o uso do lúdico, do faz-de-conta e do imaginário da criança. Logo, é através da ludicidade, aspecto primordial das brincadeiras, que os professores podem observar como vem ocorrendo os processos de desenvolvimento das crianças, seja individualmente e ou em atividades coletivas. Nesse contexto, os profissionais podem fazer registro de suas capacidades de uso das linguagens, bem como de suas capacidades sociais, emocionais e afetivas (GOEDERT; FRIGHETTO; SANTOS, 2013).

No contexto da educação infantil, o professor assume papel crucial na formação da criança, pois é ele o responsável por criar os momentos de ludicidade, disponibilizar os materiais, participar das brincadeiras, isto é, fazer a mediação da construção do conhecimento, por meio de atividades de caráter lúdico (SANTOS, 2010). Nesse sentido, com base na utilização do lúdico, o professor consegue estimular os alunos na construção do raciocínio lógico matemático, da criatividade, da autonomia, nas representações de mundo, auxiliando-os na compreensão e desenvolvimento do universo infantil (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014).

No entanto, o professor deve estar atento às peculiaridades de cada criança, visto que o brincar diferencia-se conforme o período do desenvolvimento que a criança se encontra. Assim, aquilo que é de grande interesse para uma criança pequena, pode não ser considerado interessante para uma criança um pouco maior (VIGOTSKI, 1998). Nesse sentido, no processo de organização das propostas de brincadeira em sala de aula, faz-se fundamental tomar como base as experiências, curiosidades e motivações das crianças.

Para Mora (2011) a criança, mesmo que ainda jovem, aos dois anos de idade, já adquire uma capacidade de representar, podendo imitar algo que viu ou que fez, desenhar e brincar de faz-de-conta. A fim de estimular o desenvolvimento da coordenação motora, deve-se introduzir, nessa idade, os jogos de modelar, por meio de massinhas ou mesmo de argila; além de quebra-cabeças simples, tabuleiros de encaixe, blocos ou jogos de montar, entre outros. Ainda segundo a autora, durante a brincadeira, a criança desenvolve capacidades intelectuais de atribuir a um objeto um significado diferente daquele que ele possui. Nesse sentido, um pedaço de madeira pode assumir a função de um boneco e um cabo de vassoura pode representar um cavalo, por exemplo (VIGOTSKI, 1998).

Aos três anos de idade, a criança demonstra mais interesse por brincar com outras crianças, porém, pode se mostrar pouco cooperativa, preferindo, muitas vezes, realizar atividades individualmente. Nesse período, é comum que as crianças se envolvam em disputas por brinquedos, na busca da autoafirmação, aspecto fundamental para o processo de constituição do eu. Assim, ela se opõe a outras crianças e a adultos, o que pode ser erroneamente avaliado como agressividade ou indisciplina. Além disso, é atraída pelos jogos dramáticos, assumindo diversos papéis durante a brincadeira, com base na sua curiosidade, interesse e imaginação.

Aos quatro anos a criança possui a coordenação motora mais desenvolvida e uma construção mais elaborada de seu eu. Assim, aos poucos, ela vai abandonando os jogos solitários que lhe interessavam aos três anos, dando mais atenção aos amigos e colaborando com os companheiros. Nesse momento, as disputas vão, pouco a pouco, dando abertura a relações de cooperação na criação e distribuição de papéis nas brincadeiras; como também, ao compartilhamento de brinquedos. Os papéis e lápis, livros de figuras, jogos de encaixe e as construções com cubos chamam a atenção nessa faixa etária.

Aos cinco anos, o interesse por brincar coletivamente é fortalecido e as brincadeiras com bonecos e os jogos dramáticos adquirem grande importância, permitindo que as crianças representem, principalmente, cenas de seu cotidiano. Nessas brincadeiras, a imaginação tem papel fundamental, sendo crucial e ultrapassando, inclusive, a necessidade de brinquedos e objetos físicos. Logo, um grupo de cadeiras pode se transformar em um trem, ou uma mesa pode facilmente ser vista como uma fortaleza, por exemplo (MORA, 2011).

Nesse sentido, os professores da educação infantil devem estar atentos a essas e outras particularidades, presentes em cada fase do desenvolvimento infantil, buscando estimular o desenvolvimento global das crianças por meio de atividades lúdicas, conforme as peculiaridades e necessidades de cada criança/grupo. Portanto, o olhar para as crianças fundamentado em conhecimentos sobre a infância é crucial para o bom desenvolvimento das ações de ensino e aprendizagem.

São diversos os benefícios do brincar durante a educação infantil, visto que este auxilia no processo de aprendizagem, possibilitando que a criança crie ideias, conceitos, percepções, se socialize, desenvolva habilidades psicomotoras, afetivas, cognitivas, emocionais e sociais, além de poder construir, explorar, questionar e reinventar os saberes. Assim sendo, é preciso que o professor contemple a brincadeira como princípio norteador

das atividades didático-pedagógicas, favorecendo que as manifestações corporais encontrem significado por meio da ludicidade. Logo, é de responsabilidade dos professores o desenvolvimento de atividades de caráter lúdico, sendo necessário seu engajamento e participação ativa para o desenvolvimento de tais atividades, pois na educação infantil, nada será concretizado se esses profissionais não se interessarem por esta estratégia didática (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014; SANTOS, 2010).

Voltando-se para o desenvolvimento da psicomotricidade durante a educação infantil, Rossi (2012) enfatiza que é atribuição da escola estimular o desenvolvimento da psicomotricidade desde as séries iniciais, possibilitando que a criança adquira consciência do seu corpo e se expresse por meio dele. Efetivamente, a exploração do movimento é fundamental ao processo de aprendizagem, posto que este é um dos primeiros meios de interação do bebê com os adultos. Nesse sentido, o movimento expressa emoções e desconfortos, além de necessidades fisiológicas, como a fome.

Nas crianças mais velhas, o movimento se expressa no correr, pular e nas brincadeiras de perseguição, comum a diversas culturas. Logo, considera-se que, durante a educação infantil, a criança busca experiências que desencadeiam o conhecimento de seu próprio corpo, formando conceitos e organizando o esquema corporal. Assim, é preciso que a criança já esteja com os elementos da psicomotricidade estruturados para que possa apreender os conteúdos vistos em sala (PEREIRA; CALSA, 2009). Com base nisso, afirma-se que a liberdade de movimentos e a exploração do ambiente constituem aspectos fundamentais ao desenvolvimento infantil.

Segundo Mora (2011), os progressos psicomotores e a coordenação dinâmica possibilitarão que as crianças consigam controlar seus movimentos e impulsos emocionais, tendo, portanto, uma boa adaptação ao contexto familiar e escolar. Para que as atividades psicomotoras sejam realizadas, os professores podem utilizar-se do lúdico como ferramenta de trabalho, buscando trabalhar a conscientização da criança sobre seu próprio corpo. Logo, ao propiciar a participação das crianças nos jogos e brincadeiras nos pátios escolares, por exemplo, o professor estará preparando esse aluno para posteriores aprendizagens, permitindo que a criança adquira noções de localização, dominância, orientação espaço-temporal, e demais aspectos da psicomotricidade (ROSSI, 2012).

Diante do exposto, o professor da educação infantil, ao realizar as atividades de caráter lúdico, precisa ter um olhar diferenciado para os escolares, observando como o aluno vem evoluindo ou não durante o processo de ensino e aprendizagem, quais as suas potencialidades e/ou fragilidades sob todos os aspectos do aprendizado. A partir dessa

avaliação global e constante, jogos e brincadeiras podem ser propostos e desenvolvidos junto aos educandos. Além disso, é preciso que haja espaço para as brincadeiras livres, que são, geralmente, marcadas pelo interesse, motivação, curiosidade e demandas sociais das crianças.

3.3 O BRINCAR NA ATUALIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como viemos discutindo até aqui, a brincadeira e o brincar são imprescindíveis para o desenvolvimento da criança, tese defendida por vários teóricos do campo da educação e das ciências psicológicas, como, por exemplo, Piaget, Vygotsky e Wallon. Contudo, é preciso reconhecer que com o advento da modernidade e com a introdução do modo de produção capitalista, as relações sociais e o modo como as crianças são posicionadas pelo imaginário simbólico-cultural das pessoas, passou por muitas transformações.

A criança, até a idade média, era localizada como um adulto em miniatura, argumento defendido por Ariès (1978), uma vez que não havia o sentimento de família, tal como o concebemos hoje. Desse modo, também não havia o sentimento de infância, ou seja, aquele que busca tomar a criança como um ser por essência de alma angelical, que precisam de cuidados e que, para isso, é capaz de mobilizar a atenção e o cuidado de todos aqueles que estão ao seu redor. O argumento seria, então, o de que as crianças estão em desenvolvimento e, por isso, carecem da vigilância e do olhar atento e constante de um adulto capaz de lhe proteger. Sobre essa discussão Almeida (2006) afirma:

A (in)visibilidade da infância na sociedade adulta contemporânea aponta para a complexa natureza de sua condição social. Incapaz de agir por si própria em um mundo cercado por perigos dos mais diversos, à criança é vetada uma participação social efetiva sob o argumento de que necessita de *proteção*, o que evidencia um pensamento puramente paternalista, em face da velha teoria que concebe as crianças como ‘homúnculos’, ou seres humanos em miniatura, desprovidos de especificidade própria e originalidade (p. 546).

Essa ideia implica na forma como a criança é posicionada, uma vez que a ela é retirada qualquer possibilidade de protagonismo social. Trata-se, então, de afirmar que às crianças cabe, apenas, ser objetos de cuidado e vigia por parte dos adultos; estes considerados como seres mais maduros e responsáveis. Percebemos, mais a frente, como esta ideia repercute na forma como a criança vai se relacionar com a brincadeira.

Tal discussão é importante, no sentido de contextualizar que nem sempre a infância foi percebida tal como a concebemos e lidamos com ela nos dias atuais, mas que é fruto de um processo de construção social, histórico e cultural. Antes de tudo, significa que tais fenômenos (a infância, por exemplo) são heranças da modernidade, o que nos leva a entendê-los não como essência, mas como construção social.

Assim, segundo Porto (2008) os estudos identificam mudanças no conceito de infância, que repercutiram na: “[...] 1 - emergência de um sistema de educação; 2 - mudanças na estrutura familiar; 3 - desenvolvimento do capitalismo; 4 - surgimento de um espírito de benevolência; 5 - aumento da maturidade emocional dos pais (p. 93) ”. Para tanto, este conceito foi mais bem enfatizado no período entre os séculos XVIII e XIX, quando a própria criança passou a compor parte importante, ou melhor dizendo, tornou-se um ser essencial para a compreensão da família e da sociedade. Nesse momento, os direitos desta passaram a ser garantidos pelo Estado.

Diante desses aspectos, algumas reflexões, fundamentadas em Porto (2008), podem ser levantadas acerca do brincar na modernidade. Inicialmente, questiona-se se haveria um sentimento de pós-infância, considerando-se que, nos dias atuais, a criança é, cada vez mais, convocada a assumir o lugar de adulta. Nesse contexto, qual seria o lugar da brincadeira nos espaços de lazer e interação atualmente, ressaltando-se que as tecnologias e a era digital incidem nos modos de subjetivação e na forma como a criança constrói e lida com a própria realidade? Logo, cabe aos professores da educação infantil questionar, especificamente, como o Capitalismo e suas leis de troca e funcionamento atravessam o brincar da criança e a forma como esta se relaciona com os brinquedos e/ou objetos que são ofertados a elas? Levando em considerações tais questões, destaca-se que:

[...] a produção de conhecimento acerca da infância está intimamente ligada ao lugar social que a criança ocupa. Cada época irá proferir o discurso que revela seus ideais e expectativas em relação a ela, tendo esse discurso consequências constitutivas sobre a mesma. A produção e o emprego do conceito de infância pelo conjunto da sociedade interfere indiretamente no comportamento de crianças, adolescentes e adultos, e modela sua forma de ser e agir, de acordo com as expectativas criadas nos discursos que passaram a circular entre as pessoas (PORTO, 2008, p. 94).

Nesse sentido, faz-se necessário localizar e perceber como os discursos atuais operam com este sujeito e, de que modo, as brincadeiras e os próprios brinquedos são

posicionados e, conseqüentemente, ofertados para as crianças. Sabe-se que, atualmente, os brinquedos são os mais sofisticados possível, com diversas funções e que, muitas vezes, ao invés de favorecer processos de interação e desenvolvimento, acabam desastrosamente por aprisionar as subjetividades infantis e alienar cada vez mais a criança ao seu “mundinho particular”. A criança vem se tornando, cada vez mais, vítima do consumismo. Logo, se antes o brinquedo era produzido, geralmente, pelo pai da criança, na modernidade ele é produzido em série, descaracterizado da realidade de muitas crianças, frutos de uma indústria de grande faturamento (LOPES; BERNARDINO, 2011).

O que se percebe é que o brinquedo e o próprio brincar são, muitas vezes, esvaziados da sua função, no sentido de fornecer elementos para a criança conseguir acessar, a partir dele, uma realidade que ainda lhe é difícil, como afirmado no primeiro tópico. Assim, a função simbólica, que poderia ser tão bem mediada e construída por essa relação da criança com o brincar e o brinquedo, pode ficar comprometida, o que acaba por tornar esse momento prazeroso e imprescindível para a criança, um verdadeiro ócio e, mais do que isso, uma busca incessante por mais e mais objetos que busquem dar conta do “vazio” que fica nessas atividades.

Sabe-se que, nos dias atuais, impera o discurso da felicidade. É preciso ser feliz a qualquer custo, porque aquele que não é feliz é questionado quanto ao seu projeto de vida. Em outras palavras, aquele que não vive num estado de euforia constante, é tido como alguém que tem problemas. Para tanto, o capitalismo e os seus produtos vão vendendo essa ideia de que se você isso ou aquilo, é possível ser feliz. Não é incomum perceber, em comerciais de televisão, o bombardeamento de produtos e objetos (carro novo, um novo celular, a TV mais fina e de melhor qualidade de imagem, as roupas da moda, os brinquedos eletrônicos, dentre tantos outros), que buscam vender a ideia de que se você os têm, com certeza você será feliz.

Trazendo essa discussão para o âmbito da infância e, conseqüentemente, para o universo dos brinquedos e das brincadeiras, Lopes e Bernardino (2011) problematizam que esse fenômeno atual é compreendido como a busca por encontrar nesses objetos o apaziguamento de todas as inquietações que nos afligem. E seguem em seus argumentos:

Em geral, observa-se que elas não têm persistência e se frustram rapidamente, deixando de brincar em função da dificuldade de representar uma coisa por outra, de simbolizar. Consequência disso são os sintomas relacionados à falta de limites (problemas de comportamento em casa ou na escola), hiperatividade (agitação motora) e dificuldade de separação (depressão infantil) [...] (p. 373).

Desse modo, os brinquedos e o próprio ato de brincar tornam-se insuficientes para dar conta do próprio processo de constituição do ser e da aprendizagem. Os brinquedos já vêm prontos e, portanto, a criatividade é limitada. Não há mais espaço para a criança “quebrar a cabeça”, tentando construí-los e destruí-los. Isso implica diretamente na fantasia da criança, uma vez que o espaço dado a ela é, constantemente, mais limitado. É como se a fantasia já viesse pronta e elaborada, cabendo à criança adequá-la a sua própria realidade.

Mas, como pensar os impactos dos novos brinquedos e a maneira como a criança se relaciona com eles? As crianças, cada vez mais, são capturadas pelos brinquedos eletrônicos, como, por exemplo, o videogame e o computador, que exigem muita concentração, porém, em geral, imobilizam seus corpos. São objetos que retiram as crianças do mundo da exploração e das atividades que requerem o desenvolvimento de suas habilidades motoras e físicas. Enfim, são brincadeiras que “anestesiaram os movimentos corporais da criança” (LOPES; BERNARDINO, 2011).

Outro fenômeno percebido no modo como as crianças se relacionam com o brincar diz respeito ao lugar que é dado para elas fazerem isso. Cada vez mais há um controle excessivo nas brincadeiras, visto que o discurso da segurança parece assumir muita importância para os pais, seja pela violência excessiva, seja pelo medo de que a criança se machuque ou adoença. Desse modo, não há espaço para a sujeira, para as quedas e para as frustrações. Os pais esquecem que essas coisas são importantes para o desenvolvimento da criança, ou seja, que elas lhes trazem ensinamentos importantes para a vida.

Quando as crianças são privadas disso, elas são despojadas da possibilidade de explorar o mundo a partir do seu próprio olhar e da forma como enxerga e percebe os objetos ao seu redor. Todavia, não se trata de desconsiderar a importância e os bons efeitos trazidos pelo avanço da tecnologia, mas de reconhecer e apontar que os impactos da modernidade podem ser negativos. Em outras palavras, reconhece-se que quando privamos a criança de explorar o seu mundo, brincando com pau, pedra, terra, papel, corda, garrafa pet, lata, etc., ou qualquer outro objeto que possa favorecer a criatividade e inventividade, estamos deixando de contribuir para que a criança descubra e desenvolva a sua fantasia e o modo como ela tenta lidar com aquilo que ela não consegue entender.

Assim, por um lado, os pais privam as crianças desse modo de explorar o mundo e, por outro lado, buscam preenchê-las com o excesso de presentes, com o objetivo de aliviar a culpa. Mais do que isso, buscam satisfazer, a qualquer custo, as demandas dos filhos,

contribuindo para que a criança caia num ciclo de demanda infinita e, até mesmo, consumista, que nada contribui para a constituição saudável desses sujeitos (LOPES; BERNARDINO, 2011).

No tocante ao lugar da escola nesse movimento, observa-se que este também indica para a reprodução do sistema que busca coibir e controlar o movimento dos corpos, pois o espaço das brincadeiras e das atividades lúdicas tem sido cada vez mais reduzido, em virtude da cobrança excessiva por bons desempenhos escolares. A criança é excessivamente cobrada para ter ótimas notas e um excelente desempenho acadêmico. Nesse sentido, se antes a escola se caracterizava por ser um espaço de criação e inventividade, agora parece deslocar a sua função para a reprodução e produção de conhecimentos técnicos, deslocados da própria realidade do seu educando.

Antes de tudo, é preciso reconhecer e repensar a prática pedagógica, principalmente, nos primeiros anos - aqueles que compreendem a educação infantil - para que o educador não caia nessa lógica que desconsidera a especificidade da criança, bem como as suas particularidades no processo de ensino e aprendizagem. Mais do que isso, é preciso repensar que tipo de sujeitos estamos formando. Enquanto educadores, somos agentes que favorecem a criatividade da criança e o seu modo de exploração do mundo, ou somos meros reprodutores da lógica do saber que é vendido em prateleiras e comercializados pela escola? Como discutido ao longo deste artigo, um reencontro com a infância e a potência dessa fase pode-nos indicar uma prática mais coerente.

4.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no objetivo e problema da pesquisa que compõe este artigo, tecemos algumas considerações. Inicialmente, destaca-se que, desde os mais longínquos tempos, a infância está atravessada diretamente pelo lúdico e pelas brincadeiras, evidenciando a sua importância primordial na vida das crianças. O que se modifica é o interesse pelo brincar e pela escolha das brincadeiras, em decorrência do período do desenvolvimento humano em que a criança se encontra.

É pelo brincar que a criança vai se desenvolvendo gradualmente, conhecendo a si mesma, aos outros e ao mundo no qual está inserida. Assim, o lúdico se caracteriza como fator crucial para o seu desenvolvimento global. É a partir da brincadeira que ela consegue transformar sua realidade, sua cultura e expressar como se sente e como lida com todas as experiências de sua vida; sejam elas positivas ou não, permitindo a elaboração de conflitos

e de estratégias para enfrentar as dificuldades vivenciadas. Podemos situar ainda que, a partir da brincadeira, a criança se desenvolve em diferentes aspectos, tais como o físico, emocional, cognitivo e psicomotor, o que acaba por favorecer o fortalecimento da autoconfiança, autonomia, linguagem, pensamento, curiosidades, entre outros elementos importantes, que servem para a constituição desse sujeito.

No cotidiano, as crianças estão sempre imersas no mundo da brincadeira, seja no ambiente da própria casa, na escola, no parquinho, envolvendo a participação dos familiares, amigos e pares, em grupo ou mesmo individualmente, com a presença ou não de brinquedos. O Brincar, no contexto escolar, especificamente na Educação Infantil, é compreendido como uma ferramenta e/ou estratégia essencial para estimular e, com isso, favorecer o processo de aprendizagem, com vistas a trabalhar as capacidades, habilidades e as potencialidades das crianças. Todavia, nesse processo é imprescindível que sempre se considerem as necessidades e as singularidades de cada criança.

Assim sendo, a utilização do lúdico e do brincar na Educação Infantil permitirá que a criança crie, invente, descubra, conheça, explore, questione e se socialize, além de estimular aspectos voltados para a psicomotricidade. Destarte, para que a criança consiga acompanhar os conteúdos vistos em sala de aula, é preciso que ela já tenha bem desenvolvidos aspectos da psicomotricidade, tais como noções de consciência corporal, localização, dominância, orientação espaço-temporal, entre outros. Por isso, faz-se necessário que, desde a Educação Infantil, os professores estimulem o desenvolvimento psicomotor por meio de brincadeiras, seja em sala de aula ou no pátio, de forma individual ou coletiva. O trabalho da psicomotricidade auxilia ainda a criança no controle de seus movimentos e expressões, refletindo numa boa adaptação ao meio social, familiar e escolar.

Entretanto, apesar de reconhecermos os diversos benefícios advindos do brincar no cotidiano das crianças, é válido destacarmos que, na atualidade, o brincar não ocorre da mesma forma que outrora, visto que a inserção da tecnologia desde a tenra infância se fortalece cada vez mais, modificando a preferência das crianças pelas brincadeiras. Se antes o brincar era marcado pelo movimento, criatividade e imaginação; hoje ele é, em grande medida, marcado, desde os primeiros anos da infância, por corpos parados em frente a telas, sejam elas de celulares, *tablets* ou computadores, deixando-se de lado os aspectos explorativos e criativos das brincadeiras.

Com isso, é necessário que os profissionais assumam um posicionamento crítico reflexivo frente a estas mudanças, evitando reproduzir essa lógica no contexto escolar,

principalmente na Educação Infantil, que aos poucos vem cedendo o lugar das brincadeiras às diversas atividades escolares, em prol de melhores rendimentos. Logo, é necessário que os professores encarem o lúdico como ferramenta basilar para o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando que as manifestações corporais encontrem significado por meio da ludicidade e das brincadeiras.

Nesse sentido, diante das particularidades da Educação Infantil e dos benefícios do brincar nesse contexto, é preciso que o professor tenha um olhar diferenciado para esses alunos, observando como estes vem se comportando no contexto escolar, como estão se desenvolvendo diante do processo de ensino e aprendizagem, e quais as suas necessidades, potencialidades e/ ou fragilidades. A partir de suas observações, é preciso que este profissional elabore seu plano de atividades pautado na ludicidade e nas brincadeiras, visto que o brincar deve ser compreendido como a base para o processo de aprendizagem da criança.

Assim, essa pesquisa buscou refletir sobre o lugar da brincadeira na Educação Infantil e, de que modo esta atividade vem sendo ressignificada na atualidade, a partir das novas realidades sociais, impostas pelo modo de produção capitalista, bem como o desenvolvimento tecnológico e a informatização das relações humanas. Contudo, esta pesquisa, por si só, e mesmo somando os esforços de compreensão dessa articulação e problematização do objeto aqui estudado, não consegue dar conta da sua complexidade. Daí a importância de mais estudos, principalmente aqueles que busquem considerar a relação entre as brincadeiras e o universo infantil com as tecnologias, com vistas a explicitar ainda mais os impactos dessa nova realidade na constituição da infância e dos sujeitos infantis.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. L. Sobre Brinquedos e Infância: Aspectos da Experiência e da Cultura do Brincar. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 27, n. 95, p.541-551, 2006.

ARIÈS, P. A história social da criança e da família. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978

BELTRAME, L. M.; OLIVEIRA, L. Parque infantil e brincar de faz-de-conta: uma parceria retratada no cotidiano infantil. In: **Anais do X Congresso Nacional De Educação**

– **Educere; I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação.** Curitiba: PUCP, 2011, p. 4339-4351.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília: DF, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas S. A, 2010.

GOEDERT, G.O; FRIGHETTO, A.M. SANTOS, J. C. Lúdico na educação infantil. **Nativa- Revista de ciências sociais do norte de Mato Grosso**, v. 1, n. 2, p. 1-17, 2013.

LIMA, T. C. S., MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007

LOPES, T. J.; BERNARDINO, L. M. F. O Sujeito em Constituição, o Brincar e a Problemática do Desejo na Modernidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade** (Impresso), v. 11, n. 1, p. 367-394, 2011.

MACARINI, S. M.; VIEIRA, M. L. O brincar de crianças escolares na brinquedoteca. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 16, n. 1, p. 49-60, 2006.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1999.

MORA, E. Algumas considerações conceituais para compreender o desenvolvimento da criança e do adolescente. In: MORA, E. (Org.). **Psicopedagogia infante –adolescente. Guia de orientação para pais e educadores.** Curitiba: Grupo Cultural, 2011, p. 24-44.

NEVES, V. F. A.; CASTANHEIRA, M. L.; GOUVÊA, M. C. S. O letramento e o brincar em processos de socialização na Educação Infantil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, p. 215-244, 2015.

PEREIRA, L. A.; CALSA, G.C. Prevenção de dificuldades de aprendizagem na educação infantil via intervenção pedagógica com ênfase na área psicomotora e de tomada de consciência. In: **Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e o III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – Políticas e práticas educativas: desafios da aprendizagem**. Curitiba: Champagnat, 2009, p. 5958-5970.

PORTO, I. M. R. **Brincar é coisa séria? Um estudo do brinquedo na cultura da modernidade**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas [Tese]. Pará: Universidade Federal do Pará, 2008.

ROSSI, F.S. Considerações sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**. Minas Gerais, n. 1, 2012. Disponível em <<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Considera%C3%A7%C3%B5es-sobre-a-Psicomotricidade-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil.pdf>>. Acesso em 24 de mar. 2016.

SANTOS, R. C. **Brincando e aprendendo: a importância do brincar no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2010.

TEIXEIRA, H.C; VOLPINI, M. N. A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v.1, n.1, p.76-88, 2014.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de pesquisa em Administração**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VIGOTSKI, L.S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: S. L. Vigotski. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 121-138.